

Coringa. Direção: Todd Phillips. 2019. BRON Studios. (Estados Unidos)

Joker. Direction: Todd Phillips. 2019. BRON Studios. (United States)

Guasón. Dirección: Todd Phillips. 2019. BRON Studios. (Estados Unidos)

Priscilla Tessicini

São Paulo, SP, Brasil.

Conflito de interesses:

A autora declara não haver nenhum interesse profissional ou pessoal que possa gerar conflito de interesses em relação a este manuscrito.

Estamos diante de um dos filmes mais intrigantes do ano, responsável pela maior bilheteria de um longa originário de uma história em quadrinhos (BBC News, 2019). Este é o primeiro filme sobre o personagem Coringa que tem como foco sua vida pregressa, antes de ele se tornar o famoso vilão do Batman (Hosken, 2019). A direção é de Todd Phillips, renomado diretor de comédias, entre as quais “Se beber, não case”.

Para fazer o seu Coringa, Phillips inspirou-se na filmografia do diretor Martin Scorsese (Rolling Stone, 2019), recriando a sombria atmosfera nova iorquina de seus filmes ambientados nos anos 1980 (Rolling Stone, 2019 novembro 28). Phillips preocupou-se em dar profundidade ao personagem. Com essa perspectiva, que conferiu tamanho realismo e humanidade ao protagonista, o filme recebeu muitas críticas, apontando que a obra poderia estar justificando e incitando à violência (Driscoll & Husain, 2019; Catraca Livre,

Recebido: 22 nov 2019; 1ª revisão: 4 dez 2019; Aprovado: 7 dez 2019; Aprovado para publicação: 16 dez 2019.



2019). O polêmico longa ganhou o “Leão de Ouro” do “Festival de Veneza” deste ano, e foi aplaudido ininterruptamente por oito minutos após sua exibição (Gotham Center, 2019).

A história tem conexão com o filme “Taxi Driver” (1976), de Martin Scorsese (Revista Rolling Stone, 2019 novembro 28), no qual o taxista Travis Bickle, interpretado pelo ator Robert de Niro, vive uma problemática psicológica semelhante à de Arthur Fleck, o Coringa, de Phillips. Os dois personagens habitam uma cidade inóspita e opressiva e enlouquecem, chegando a cometer crimes violentos. Outro ponto de contato é que ambos possuem diários nos quais anotam suas percepções e sentimentos a respeito da vida e do mundo. A sintonia de Phillips com Scorsese não para por aí. Em “Coringa”, Robert de Niro ganhou o papel de Murray Franklin, apresentador de um *talk show*, em clara alusão a outra obra de Scorsese, “O Rei da Comédia” (1983) (Rolling Stone, 2019 novembro 28), na qual de Niro faz um comediante fracassado em busca de reconhecimento.

“Coringa” é um filme inquietante e parte dessa inquietação se deve à coexistência de elementos do drama, da tragédia, da comédia, do suspense e do terror psicológico. É inquestionável o fato de que o filme movimenta vasta gama de sentimentos e emoções nos espectadores. Uma coisa é certa: ninguém sairá incólume após assisti-lo.

A trama conta a história de um homem solitário, Arthur Fleck, que vive com a mãe física e mentalmente doente e que sobrevive às custas dos bicos que faz como palhaço em uma empresa que terceiriza bufões. Seu maior sonho é ser ator comediante de *stand up*. Sentindo-se fracassado profissional e afetivamente e oprimido pelo ambiente, Arthur passará por várias situações de frustração e violência, que irão provocar uma grande transformação em sua personalidade, inicialmente passiva e submissa, até se transformar em um violento justiceiro.

No passado, Arthur esteve internado em Arkham, hospital psiquiátrico, tendo saído sob a condição de que frequentasse sessões terapêuticas semanais com uma assistente social e fizesse acompanhamento psiquiátrico. Para receber os tratamentos, que incluíam o uso de sete remédios diferentes, ele dependia da ajuda do governo. Ao longo da história, ficamos sabendo que sua mãe também tinha transtornos mentais. Assim, genética e ambiente encontram-se para formar o terreno propício ao desenvolvimento do drama trágico que irá se desenrolar ao longo do filme.

O cenário é Gotham City, uma cidade sombria e perversa, marcada pela desigualdade e à beira de um caos social e político. Em entrevista à revista “Vanity Fair”, o diretor disse ter cuidado da estética do filme, para que tivéssemos a sensação de que Gotham se projeta sobre Arthur, denunciando a opressão do meio sobre o personagem (Vanity Fair, 2019). Há uma greve de lixeiros e, devido ao acúmulo de lixo nas ruas da cidade, ocorre uma infestação de ratos de todos os tipos. A metáfora dos ratos e do ar fétido refere-se à elite e à classe política psicopática de Gotham, insensíveis ao sofrimento de seus cidadãos. Thomas Wayne, pai do Batman e suspeito de

também ser o pai de Arthur, é um político milionário que representa essas categorias.

A primeira cena do filme traz informações sobre o universo psíquico e emocional do personagem. Arthur encontra-se em seu ambiente de trabalho, local onde indivíduos excluídos e desprezados pela sociedade ganham a vida como palhaços. Apesar de haver pessoas no ambiente, a relação de Arthur é com o espelho diante de si. A maquiagem cobre seu rosto e define sua máscara. Com os dedos, Arthur ajuda seus músculos a esboçarem um sorriso montado, um falso sorriso. Nesse momento, uma lágrima escorre pelo rosto cuidadosamente pintado. O palhaço que ri esconde uma tristeza profunda, sua verdadeira face.

Em outra cena, seu diário evidencia um sofrimento: “o problema de ter uma doença mental é que as pessoas esperam que você se comporte como se não a tivesse”. Arthur Fleck é um homem retraído e triste que não consegue se conectar com ninguém, sendo constantemente alvo de violência e desprezo, em situações de clara injustiça. Em conversa com a assistente social, Arthur refere a falta de acolhimento da sociedade e denuncia que ninguém o escuta, nem mesmo ela, que trabalha de forma mecânica e fria e lhe faz sempre as mesmas perguntas.

A atuação de Joaquin Phoenix, que interpreta Arthur, é brilhante. O ator perdeu 23 quilos para fazer o papel (Nava, 2019) e seu trabalho corporal é irretocável, inicialmente explorando a magreza e os ossos salientes do personagem, dando a dimensão do estado de desamparo e fragilidade de Arthur.

A relação do protagonista com a mãe é precária. Ela depende dos cuidados do filho, e a única diversão que compartilham é assistir a um show de entretenimento na TV, apresentado por Murray Frank (de Niro). O apresentador é uma inspiração para Arthur, que sonha em participar do programa. Sobre Frank, Arthur projeta a imagem paterna. Em seus delírios, o apresentador lhe diz: “Eu não abriria mão de um filho como você!”.

Arthur é marcado por sentimentos de abandono e de rejeição. Ele nada sabe sobre seu pai, a não ser pela ótica idealizada da mãe: “Ele é um homem extraordinário, feliz e poderoso”. Diante dessa afirmação, Arthur pergunta à mãe: “E o que diriam sobre mim?” Esta pergunta é o ponto central da sua problemática, pois ele não se reconhece, não consegue se ver refletido a não ser como palhaço, falta-lhe um senso de identidade. Quem é Arthur Fleck?

Além de não saber quem é seu pai, a identidade da mãe também é colocada em dúvida no filme.

Desde criança, sua mãe lhe diz que ele veio ao mundo para sorrir e levar a felicidade às pessoas. No entanto, o destino previamente traçado mostra-se incompatível com sua história pessoal, marcada por negligências e abusos, embora, inicialmente, Arthur não se lembre destes abusos e não aja de forma violenta. Ele desejava apenas ser reconhecido.

A obsessão de Arthur pelo riso o acompanha desde cedo, sendo expressão da necessidade de ser admirado, assim como as crianças que acreditam que, se forem engraçadas, serão amadas. Outro ponto importante é o fato de Arthur ter um distúrbio neurológico que o faz rir involuntariamente, retirando-lhe o controle sobre as emoções que se expressam à sua revelia e de maneira incongruente, gerando repulsa.

Há uma cena bastante emblemática: Arthur retira os alimentos do refrigerador e entra nele, como se estivesse acostumado a ambientes gelados e a relações frias. A invisibilidade familiar e social é uma experiência devastadora, confirmada por uma de suas falas cortantes: “em toda a minha vida eu nem sabia se eu realmente existia [...]”.

A trilha sonora do filme parece ter sido escolhida de forma a confirmar a condição subjetiva do personagem. A música “Smile” (Turner, Parsons, & Chaplin, 1954), na primeira parte da trama, reforça a ideia de que Arthur deve sempre sorrir e esconder sua tristeza. O palhaço de Charles Chaplin, personagem do filme “Tempos Modernos” (Prando, 2019) aparece no cinema, reafirmando a condição daquele que sofre infortúnios e injustiças sociais, mas que continua sorrindo e fazendo sorrir.

Com o passar do tempo, o caos na cidade aumenta, representando a tensão interna que cresce, concomitantemente, dentro do personagem. Arthur pergunta à assistente social: “É impressão minha ou o mundo está ficando mais maluco?”. A loucura do mundo que o circunda e a do seu mundo interior são uma coisa só. Ele pede para aumentar a medicação: “Eu só não quero mais me sentir tão mal”. Não é possível atender a esse pedido porque ele já está medicado em nível máximo. Quando os serviços médicos e os atendimentos sociais sofrem cortes, Arthur fica abandonado à própria sorte.

A doença mental, sem o uso da medicação, começa a piorar, ao mesmo tempo em que Arthur vai entrando em contato com sua biografia desconhecida. Confusão, mistério e mentiras o enfurecem. As versões sobre sua vida são discrepantes e não convencem. Thomas Wayne pode sim ser seu pai, Arthur encontra uma foto que atesta o relacionamento entre ele e sua mãe.

Antes da virada do personagem, assistimos a um momento de lucidez quando, ao receber um revólver, fruto de uma atitude perversa de um colega, Arthur afirma: “não posso ter uma arma”. E quem, de fato, pode? A arma é o recurso *Deus ex-machina* do filme, aquele que vem para salvar o protagonista de sua trágica condição; é o gatilho da transformação.

Ao ser demitido, parece aliviado e, descendo a escada antes de alcançar a saída, lê em uma placa: “Não esqueça de sorrir”. Decide então riscar a palavra “esqueça”, restando apenas a expressão: “Não sorria”. A mensagem é clara: Arthur rompe com os desígnios maternos, pondo fim aos falsos sorrisos.

Aos poucos, a tensão entre o mundo objetivo e o subjetivo se nivela, levando ao colapso da personalidade consciente, e a mente de Arthur é invadida por

delírios que confundem, inclusive, o espectador. Fica difícil discriminar a realidade dos fatos. De qualquer forma, se tudo aconteceu na cabeça dele ou não, parece não fazer diferença, pois sabemos que o que nos afeta é o que enxergamos como realidade, o que reside dentro de nós.

A partir desse momento, Arthur vai entrando em surto psicótico e começa a matar. As primeiras pessoas que ele mata são homens que estão assediando uma moça no metrô. No início, Arthur fica perturbado com o fato, mas depois sente-se mais forte, como se estivesse iniciado uma jornada heroica.

Na cena mais violenta do filme, presenciamos um inesperado gesto de reconhecimento e empatia, quando Arthur não tira a vida de um colega de trabalho, o anão, afirmando que este sempre o tratou com respeito. Sua ética é clara: pune quem lhe causou sofrimento. A cada morte sente o incremento de status e de poder. Arthur finalmente realiza o desejo de ser visto, tornando-se a máscara heroica da população descontente.

Dançando com os braços em cruz revela uma postura corporal de libertação, confirmando que uma nova personalidade se instalou. Arthur Fleck foi crucificado e ressuscita como Coringa. Nenhum indício do corpo frágil e curvado de outrora restou. O surto psicótico deu vida aos aspectos sombrios de sua personalidade. Toda a vida reprimida de seus instintos vem à tona. Ao mudar a identidade do personagem, a estética do filme também muda, acentuam-se as cores e a música muda. Para entender o que o Coringa pensa e sente no momento da virada, escute a música “That’s Life” (Kay & Gordon, 1963). Sua letra denuncia a atitude interna recém-nascida. Nada mais irá deprimi-lo, seu destino mudou.

Muitos loucos fizeram parte da história do cinema como coadjuvantes, mas sua relevância é fundamental, pois possuem a função de escancarar a verdade negada. Paradoxalmente, os loucos são os mantenedores da saúde mental da sociedade, apontando e lhe devolvendo o que insiste em rejeitar: o seu próprio lixo, metáfora da feiúra, da sujeira, da maldade, da violência etc. O louco é o depositário da sombra coletiva.

[...] A figura está cindida da consciência subjetiva e se comporta por isso como uma personalidade autônoma. O “*trickster*” é a figura da sombra coletiva, uma soma de todos os traços de caráter inferior. Uma vez que a sombra individual é um componente nunca ausente da personalidade, a figura coletiva é gerada sempre de novo a partir dela (Jung, 1954/2012, p. 271, § 484).

O Coringa é a carta do baralho que não tem identidade própria e assume a face necessária para a vitória do jogo. Assim o fez Arthur: abandonou a personalidade apática, que lhe causava sofrimento, e saltou para o polo oposto, o da extrema violência. Jung explica esse fenômeno: “[...] a sombra individual também traz em si o germe da enantiodromia, da conversão em seu oposto” (Jung, 1954/2012, p. 273, § 488).

As inquestionáveis limitações psíquicas de Arthur impediram-lhe a saída construtiva, o caminho do meio.

Caso exista uma predisposição psicótica pode acontecer que figuras arquetípicas – as quais possuem uma certa autonomia graças à sua luminosidade natural – escapem ao controle da consciência, alcançando uma total independência, ou seja, gerando fenômenos de possessão (Jung, 1954/2012, p. 48, § 82).

Foi assim que o Coringa possuiu Arthur Fleck.

A despeito do foco sobre a patologia, que seria restringir sobremaneira a riqueza simbólica do filme, Joaquin Phoenix afirmou em entrevista à revista Rolling Stone que, para ele, o longa fala sobre “o poder da gentileza e a falta de empatia no mundo” (Rolling Stone, 2019 novembro 20; Tiff Talks, 2019).

Eis uma verdade irrefutável da qual somos partícipes e sobre a qual o filme nos impele a refletir.

Referências

- BBC News. (2019, novembro 14). Coringa: como filme protagonizado por Joaquin Phoenix se tornou adaptação de quadrinhos de maior retorno da história. BBC News. Recuperado de <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50405539>
- Catraca Livre. (2019, outubro 5). ‘Coringa’ faz EUA reforçar a segurança nos cinemas. *Catraca Livre*. Recuperado de <https://catracalivre.com.br/entretenimento/coringa-faz-eua-reforcar-a-seguranca-nos-cinemas>.
- Driscoll, A., Husain, M. (2019, October 21). Why Joker's depiction of mental illness is dangerously misinformed: With films playing a key role in shaping attitudes to mental health, two doctors say Joaquin Phoenix's troubled supervillain perpetuates damaging stereotypes. *The Guardian*. Recuperado de <https://www.theguardian.com/film/2019/oct/21/joker-mental-illness-joaquin-phoenix-dangerous-misinformed>
- Gotham Center. (2019, setembro 01). Coringa aplaudido de pé por 8 minutos na estreia em Veneza [Arquivo de vídeo]. *Gotham Center*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=7EeDr3xrlqg>
- Hosken, P. (2019, abril 3). Coringa: primeiro e emocionante trailer mostra como jovem comediante se transformou no complexo vilão; assista. *Hugo Gloss*. Recuperado de <https://hugogloss.uol.com.br/filmes/coringa-primeiro-e-emocionante-trailer-mostra-como-jovem-comediante-se-transformou-no-complexo-vilao-assista>
- Jung, C.G. (2012). *Os arquétipos e o inconsciente coletivo* (OC, Vol. IX/I). Petrópolis, RJ: Vozes. (Trabalho original publicado em 1954).

- Kay, D., & Gordon, K. (1963). *That's life* [música]. Recuperado de [https://en.wikipedia.org/wiki/That%27s_Life_\(song\)](https://en.wikipedia.org/wiki/That%27s_Life_(song)).
- Nava, S. (2019, outubro 6). A dieta para fazer 'Coringa' que quase enlouqueceu Joaquin Phoenix: "Comer pouco me afetou psicologicamente", disse o ator, que desmentiu a informação de que só comia uma maçã ao dia. *El País Brasil*. Recuperado de https://brasil.elpais.com/brasil/2019/10/04/cultura/1570181465_652850.html
- Prando, A. (2019, outubro 26). Tudo sobre a estetização da loucura no filme do Coringa: Como 'Coringa' tem impactado o cinema blockbuster ao redor do mundo?. *What Else Mag*. Recuperado de <https://www.whatelsemag.com/novo-filme-coringa/>
- Rolling Stone Brasil. (2019 novembro 20). Joaquin Phoenix celebra o sucesso de Coringa: 'É sobre o poder da gentileza': o ator de 45 anos revelou que "não é a bilheteria, mas a recepção" do público que realmente importa. *Rolling Stone Brasil*. Recuperado de <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/joaquin-phoenix-celebra-o-sucesso-de-coringa-e-sobre-o-poder-da-gentileza/>
- Rolling Stone Brasil. (2019 novembro 28). Oito detalhes em Coringa que só percebemos depois de assistir mais de uma vez: o filme dirigido por Todd Phillips e estrelado por Joaquin Phoenix foi minuciosamente construído, e notar algumas dessas características exige um olhar bem atento. *Rolling Stone Brasil*. Recuperado de <https://rollingstone.uol.com.br/noticia/8-detalhes-do-coringa-de-joaquin-phoenix-que-so-da-para-perceber-ao-assistir-de-novo-lista/>
- Tiff Talks. (2019 september 10). Joker cast and crew Q&A. *Tiff Talks*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=ISPVRiMRvXM&t=20s>
- Turner, J., Parsons, G., & Chaplin, C. (1954). *Smile*. Recuperado de [https://en.wikipedia.org/wiki/Smile_\(Charlie_Chaplin_song\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Smile_(Charlie_Chaplin_song)).
- Vanity Fair. (2019, October 7). Joker director breaks down the opening scene. *Vanity Fair*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=awoQuVq2yYc>

Minicurriculo: Priscilla Tessicini – Candidata a membro ao Instituto Junguiano de São Paulo (IJUSP). Terapeuta de *Sandplay* pelo Instituto Brasileiro de *Sandplay*, filiada à *International Society of Sandplay Therapy* (ISST). Psicóloga clínica formada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP); graduada em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP). Atriz profissional formada pelo Teatro Escola Célia Helena. Mantem atendimento em consultório particular crianças, adolescentes, adultos e orientação de pais. *E-mail:* priscilla_tessicini@yahoo.com.br